

O sofisma dos negativistas

Razões para a recusa, da parte de certos clubes, de verem a Federação Luxemburguesa de Futebol crescer através de novos aderentes há-as para todos os gostos (uns, *pequenos* e/ou moribundos, receiam desaparecer sob a “vaga portuguesa”; outros, mais *bem dotados* de estruturas, não querem assistir à possível debandada, para os novos clubes, dos jovens jogadores portugueses a quem eles forneceram formação durante anos a fio; outros ainda não estão dispostos a perder as *receitas* de bar; talvez alguns receiem apenas a *competição* desportiva; os menos “imaginativos” acham que já há clubes a mais e os mais “nacionalistas”, ou mais extremistas, terão já pesadelos vendo uns quaisquer Bracarenses a lutar por um lugar de acesso a competições europeias).

Todavia — e porque qualquer delas pareceria, no mínimo, discriminatória —, o principal argumento dos **negativistas** (chamemo-lhes assim, porque dizem sistematicamente não), nesta matéria, é que há a possibilidade de os portugueses se integrarem individualmente, aderindo ao clube da sua escolha, como sócios ou como atletas. Pois há. Mas há igualmente outras formas — tão válidas, tão legítimas, tão democráticas, e tão disponíveis como essa. Todas elas estão abertas; compete a cada um escolher como há-de proceder: se individual se colectivamente.

(Devemos aqui recordar, entre parênteses, que a mesma questão se colocou na altura da discussão do papel das associações portuguesas e da CAPL no organismo comum a todas as associações de estrangeiros, e se coloca ainda, actualmente, na discussão das formas de integração geral de toda a comunidade numa sociedade de acolhimento: há ou não o direito de se escolher a forma como se quer integrar-se)

No fundo, a forma sugerida pelos negativistas do futebol luxemburguês é um sofisma, como vamos tentar expor.

Integrarmo-nos individualmente?

Temos, à partida, um conflito que se mantém à sombra de indiscrições: ignorando a moderna e generalizada (e cómoda!) explicação do voto negativo por uma oposição à direcção da FLF, vemos que do lado luxemburguês se pretende forçar uma forma de integração (**individualista**) e ignorar a outra; do lado português insiste-se numa (**clubista**) e esquece-se a outra. A razão estará, no entanto, do lado de quem reivindica a liberdade de escolher.

O que não quer dizer que a via que, do lado luxemburguês, se pretende que os portugueses tomem (ou seja, a via **a retalho**) seja válida em todas as circunstâncias. Da mesma forma que a adesão como grupo (a via **grossista**) parece vedada, quem nos garante que a adesão individual de portugueses a sócios de clubes luxemburgueses não será, também ela, recusada? Os senhores que votaram contra, há duas semanas, achando que “os portugueses devem integrar-se nos clubes já filiados”, estarão dispostos a jurar que aceitarão portugueses como novos sócios nos seus próprios clubes?

Nada é menos certo. Daí considerarmos o seu argumento (o único e verdadeiro, agora silenciado) como um sofisma, senão mesmo um acto **ardiloso**. Se, hoje, uma candidatura não é aceite, mesmo preenchendo todas as condições devidas, como se poderá crer que, amanhã, uma outra, igualmente regular perante estatutos em vigor, respondendo a todas as exigências, já seja aceite?

Então, vamos a isso!

Suponhamos que uma centena e meia de propostas de sócios, apresentadas por indivíduos de nacionalidade portuguesa, aparecem, por exemplo, na secretaria de um clube modesto, com trinta ou quarenta associados. A direcção desse clube aceitaria tal situação, mesmo que os candidatos a sócios reunissem todas as condições estatutárias de admissão? À excepção do Flaxweiler e do Beyren Udinesina, que parece terem proposto a fusão com um dos clubes candidatos, ou alguns outros, quase certamente não.

Certamente não pois a direcção desse clube recearia que, muito democraticamente, a nova maioria de sócios viesse a eleger a sua própria direcção, e que esta, muito legitimamente, viesse a escolher o seu treinador e a constituir a sua equipa. Portuguesa, claro. Até poderia acontecer que uma assembleia geral viesse a alterar os estatutos a seu favor ou procedesse à mudança de nome do clube!

Será, talvez, esta uma das formas de, concertadamente, os portugueses introduzirem os seus clubes na FLE, ladeando o **ferrolho** do congresso e forçando a entrada por dentro.

Bem vistas as coisas, um dia o Spora Luxembourg poderá muito bem vir a chamar-se FC Mortaguense... Ou o Aris passar a ser Académica de Bonnevoie... Bastava que os portugueses aceitassem, maciçamente, a sugestão dos próprios presidentes de clubes luxemburgueses!

Será que esta evolução (para a sua escolha sobre “a melhor forma” de integração) seria aceitável para os negativistas?